



Desenvolvimento de Capacidades para uma Resposta Sustentável às Alterações Climáticas em Cidades de Pequenos Estados Insulares Lusófonos em Desenvolvimento (Cabo Verde e São Tomé e Príncipe)

Países de Intervenção: Cabo Verde e São Tomé e Príncipe

Elaboração de Cenários de Desenvolvimento Socioeconómico para a Ilha de São Vicente

I Encontro: “Brainstorming” para definir uma Visão Partilhada de São Vicente no Futuro

Data: Junho de 2011

Equipa Técnica:



Mar Ambiente e Pesca Artesanal



CESAM - Centro de Estudos do Ambiente e do Mar



Um Projecto do Programa Adaptação Às Alterações Climáticas em África

Adaptation



CRDI



Department for International Development

Conteúdo

1. Introdução	2
2. O Processo de cenarização - Etapa 1: Visão.....	4
3. Visão de Desenvolvimento de São Vicente: Proposta	7
4. Guia de Cenarização do Desenvolvimento Socioeconómico	8
4.1. Cenarização: Enquadramento Conceptual	8
4.2. Cenarização: Método Proposto	9

1. Introdução

O objectivo geral do projecto KSIDS - Desenvolvimento de Capacidades para uma Resposta Sustentável às Alterações Climáticas em Cidades de Pequenos Estados Insulares Lusófonos em Desenvolvimento (Cabo Verde e São Tomé e Príncipe) - é contribuir para a integração da adaptação às alterações climáticas no planeamento urbano a longo prazo, nos processos de tomada de decisão a nível urbano, no desenho urbano e no estilo de vida de duas comunidades urbanas Lusófonas de pequenas Ilhas em desenvolvimento.

Para atingir a visão proposta e os objectivos específicos, todas as acções do presente projecto serão baseadas no envolvimento dos Stakeholders (partes interessadas, agentes ou actores) **num processo de reflexão**. Representantes das principais instituições e personalidades influentes ligados ao urbanismo serão convidados a participar num Grupo de Reflexão tendo a Equipa do Projecto como facilitador. O processo de reflexão será apoiado por um processo complementar **de construção de conhecimentos e análise** (investigação), do **reforço de competências** (sensibilização, formação e treino), de **divulgação e disseminação** e criação de uma rede de interesses ou “**networking**”.

A acção será desenvolvida com o apoio de dois Grupos de Pesquisa Portugêses e implementadas localmente por duas ONG's, o de Cabo Verde e o de São Tomé e Príncipe. Ele irá gerar novos conhecimentos através de dois estudos de caso, um em São Vicente (Cabo Verde) e um em São Tomé (São Tomé e Príncipe), onde os representantes de diferentes grupos de interesse, os governos locais, urbanistas, designers urbanos, estudantes, irão trabalhar em conjunto para reflectir sobre as ameaças representadas pelas mudanças climáticas para o desenvolvimento sócio económico das ilhas e sobre as estratégias mais adequadas de adaptação.

O processo participativo pretende reunir representantes de todos os grupos de interesse da comunidade num diálogo e reflexão que vai permitir um entendimento comum dos problemas, fixar objectivos comuns e promover acções conjuntas. Será um processo horizontal onde todos os participantes aprendem uns com os outros e se tornem mais receptivos à necessidade de ajustar as suas exigências ao objectivo geral de toda a comunidade.

Considera-se que um processo participativo envolvendo diferentes grupos, ou seja, diferentes características socioeconómicas e interesses é a forma mais eficaz de criar e analisar conhecimentos válidos e práticos. Além do aspecto colaborativo e estrutura plural, assumindo-se, numa pesquisa/acção participativa a "teoria informa prática, a prática refina a teoria, numa transformação contínua", este projecto pretende dar início a um processo de construção de conhecimento sobre a adaptação às mudanças climáticas em SIDS.

O processo participativo resultará em soluções que não só integrar as dimensões social e contextual dos problemas percebidos pelos interessados, mas também garantir que eles terão a motivação para implementá-los com êxito ", conferindo a propriedade dos resultados".

Os vários actores, no âmbito do Grupo de Reflexão em parceria com a Equipa Técnica do Projecto, deverão participar num processo de desenvolvimento de diferentes cenários,

começando com **Cenários de Desenvolvimento Socioeconómico**, os quais são combinados com **Cenários de Mudanças Climáticas**, permitindo a avaliação do impacto potencial e vulnerabilidades e, em seguida, desenvolvendo **Cenários de Adaptação**.

Os cenários desenvolvidos pelo Grupo de Reflexão serão analisados e detalhados num grupo mais restrito e mais técnico, o “Grupo Técnico”, que será composto por técnicos, especialistas e representantes dos principais decisores. O Grupo Técnico irá trabalhar em conjunto com a Equipa Técnica do Projecto para preparar a informação e análises necessárias para apoiar o processo de reflexão.

2. O Processo de cenarização - Etapa 1: Visão

Na Quinta-Feira dia 19 de Maio de 2011 entre as 16h30 e as 18h00, teve lugar na Biblioteca Municipal de São Vicente um “Brainstorming” para definir uma Visão Partilhada de São Vicente no Futuro.

Os objectivos do Evento eram:

1. Validar a metodologia de elaboração de cenários no âmbito do projecto KSIDS;
2. Ouvir as vossas visões a médio (2020) e longo prazo (2050) para nossa cidade e ilha. O que seremos? Como seremos? Quantos seremos? Seremos mais ricos? Mais pobres? Viveremos de quê? Ou seja, definir um ideal, embora realista, de uma visão partilhada da ilha de São Vicente no futuro.

Esta(s) Visão(s) serão a base para a elaboração de cenários de desenvolvimento socioeconómico devidamente quantificados para 2020 e 2050.

Estiveram presentes no encontro 12 pessoas para além dos técnicos da Sol & Vento e o coordenador do projecto KSIDS (Total de 16 pessoas). Os participantes representavam a sociedade civil (ONG, Associação de Defesa dos Consumidores-ADECO), particulares (empresas), partidos políticos (UCID), docentes universitários e investigadores, o INDP, o governo central (delegação norte do Ministério do Turismo Indústria e Energia) e a Câmara Municipal de São Vicente.

O evento começou com a apresentação da metodologia de trabalho para a elaboração de cenários de desenvolvimento socioeconómico de São Vicente, seguida de um debate para partilhar a visão de São Vicente no futuro.

Resumo do debate

De uma maneira geral houve um grande consenso em relação aos pilares do desenvolvimento da ilha de São Vicente. As palavras-chaves que se destacaram e foram citadas e reforçadas por quase todos os intervenientes são:

Porto; Serviços; Turismo; Indústria; Agricultura; Energias Renováveis;

Destacaram-se dois elementos fundamentais da visão dos participantes:

1. O desenvolvimento de São Vicente deve ser pensado incluindo as ilhas de São Nicolau e Santo Antão.
2. Aposta na qualidade e excelência e sustentabilidade (Formação, Educação, Cidadania, Energias Renováveis).

Na descrição da visão que têm do desenvolvimento de São Vicente, os participantes foram bastante específicos no tipo de turismo, indústria e agricultura que desejam ver na ilha:

- A **cidade e a vivência** da ilha devem ser a base do turismo em São Vicente. A valorização da cultura, a valorização do património, a valorização dos recursos naturais (a Baía do Porto Grande e a biodiversidade por exemplo) e a aposta em energias renováveis são consideradas as mais-valias de São Vicente. Neste contexto, a ilha posiciona-se como particularmente apta para a organização de grandes eventos.
- Uma aposta na **agricultura de qualidade e de auto-sustentação**, de maneira a satisfazer as necessidades da população e da economia da ilha (auto-suficiência), proporcionando, para além disso, um ambiente mais saudável.
- Em sintonia, a aposta numa **indústria ligeira e de qualidade**, que integra valor acrescentado e responda as necessidades da ilha e, eventualmente, cria nichos mercados para exportação baseados na excelência e valor acrescentado.
- Nesta visão, **São Vicente actua em parceria com São Nicolau e São Antão**, o que dá importância fundamental ao desenvolvimento das rotas marítimas e ao Porto Grande.
- Surgiu igualmente, a visão do **Porto Grande como centro de desenvolvimento** da ilha (ou grupo de ilhas – São Antão, São Vicente e São Nicolau), embora esta visão não tenha sido concretizada durante o debate, surgindo, quase sempre, como um meio e não um centro.

Para concretizar estas visões, os participantes deixam algumas pistas sobre medidas concretas necessárias:

- Mais Educação, Formação, Ensino Superior;
- Qualificação e Qualidade (criação de laboratórios de qualidade e centros de excelência);
- Mais Informação, Participação Pública e Restauração da Dignidade, Cidadania e Activismo na ilha;
- Mais Autonomia Administrativa, Descentralização e Regionalização;
- No Urbanismo: maior respeito pelo edificado e o espaço público; controlo das construções clandestinas; valorização do património histórico; mais qualidade de vida no meio urbano e ambiental;
- Planeamento Integrado da ilha e Planificação da Gestão Sustentável dos Recursos, (pesca, agricultura, biodiversidade);
- Aposta nas especificidades e complementaridades das três ilhas vizinhas (Santo Antão, São Vicente e São Nicolau);
- Aposta nas Energias Renováveis e Eficiência Energética (aposta no carro eléctrico p.ex.) e sinergias com o parque industrial e ensino superior;
- Investimento no ensino de qualidade e que traga valor acrescentado (Energias Renováveis, Informática, etc.) e exportação de mão-de-obra qualificada e produtos de qualidade.

Da análise do debate em relação ao futuro, somente sobressaiu uma ligeira divergência em relação ao peso de cada sector, com especial destaque para o turismo:

- I. Uma visão coloca o turismo no centro com os outros sectores (indústria, agricultura, etc.) a servirem de apoio;

- II. Outros vêm um desenvolvimento autónomo da indústria (qualidade e excelência) e do turismo;
- III. Uma terceira visão, por caracterizar, coloca o Porto Grande no Centro da Ilha.

O Porto Grande surge em todas as visões como importante, realçando a importância da ligação entre São Vicente e as ilhas vizinhas e, provavelmente, o turismo de cruzeiro e escoamento de produtos.

Interessante é que, no debate, o mar (e a sua biodiversidade) em particular e o ambiente em geral aparecem ao mesmo nível que o edificado e o património intangível que é a cultura e vivência: são considerados patrimónios em torno dos quais se deve desenvolver o turismo.

Por último o cidadão da ilha e os jovens em particular (educados, informados, participativos) são também considerados como fulcrais para uma realização total das visões, mesmo se, neste ponto, as opiniões dividem-se em relação a sua verificação futura.

A situação actual

Os participantes deixaram igualmente uma análise dos principais problemas que actualmente afligem a ilha. A história da ilha e o facto de, no passado, ter sido a alavanca de desenvolvimento de Cabo Verde em quase todos os domínios foi constantemente referenciado de modo a ilustrar e reforçar o que actualmente está mal:

- A fraca participação pública e de cidadania;
- A excessiva centralização administrativa do país;
- A falta de solidariedade entre ilhas;
- A falta de planeamento e valorização patrimonial;
- Necessidade de pensar a ilha no seu todo e não só a cidade do Mindelo;
- Necessidade de ter prioridades claras;
- A politização da sociedade;
- Primazia dos interesses individuais e económicos;
- Juventude apática;
- Necessidade de massa crítica e dignidade.

Inclusive, numa visão que o seu autor chamou de realista (tendência actual) em 2020 São Vicente deixará de ser relevante (mero arredor da Capital para servir políticos). Isto devido principalmente à postura dos Mindelenses.

Contudo, em sentido oposto, ouviu-se uma percepção diferente da ilha da parte de um Mindelense há muito fora da ilha. S. Vicente é actualmente uma ilha mais moderna, com menos pobreza, mais gente formada, pessoas mais exigentes e presentes, mais actantes pró-activos. Gente que mexe, que quer fazer, mais pesca, mais agricultura.

Esta visão, foi em parte corroborada por outro participante, embora a considere que a existência recente de algum dinamismo e de grupos de defesa dos interesses de São Vicente seja uma consequência da situação a que a ilha chegou (a do cenário realista).

3. Visão de Desenvolvimento de São Vicente: Proposta

Deste trabalho a equipa do projecto KSIDS extraiu três visões para o desenvolvimento a curto e longo prazo da ilha de São Vicente. Estes três cenários deverão ser validados (ou rejeitados) pelo grupo de reflexão e outras forças activas da ilha e cidadãos interessados. Serão, na próxima fase, alvo de quantificação e caracterização mais detalhada em parceria com a equipa técnica.

- I. **Turismo Sustentável e Integrado:** Turismo baseado na valorização da cultura do património, e dos recursos naturais. Aposta no turismo de eventos. Outros sectores tais como indústria e agricultura servem de apoio a actividade turística e economia da ilha procurando a auto-sustentação;
- II. **Turismo Sustentável e Integrado e Indústria de Qualidade:** para além da aposta no turismo (visão I) há uma aposta numa **indústria ligeira e de qualidade**, que integra valor acrescentado e responda as necessidades da ilha e, eventualmente, cria nichos mercados para exportação baseados na excelência e valor acrescentado.
- III. **Porto Grande Centro da Ilha:** (por caracterizar).

Os três cenários deverão satisfazer aos dois elementos considerados fundamentais da visão dos participantes:

1. O desenvolvimento de São Vicente deve ser pensado incluindo as ilhas de São Nicolau e Santo Antão.
2. Aposta na qualidade e excelência e sustentabilidade (Formação, Educação, Cidadania, Energias Renováveis).

4. Guia de Cenarização do Desenvolvimento Socioeconómico

4.1. Cenarização: Enquadramento Conceptual

A comunicação entre especialistas e a sociedade, não é normalmente simples. Além disso, a complexidade e o carácter multidisciplinar do impacto nas mudanças climáticas e estratégias de adaptação dificulta a adopção de uma forma de linguagem transparente, compreensível e adequada a todos os intervenientes. Este projecto adopta uma abordagem baseada em **cenários** para construir uma ponte entre especialistas, decisores políticos e as partes interessadas e entre especialistas de diferentes disciplinas.

Os cenários são descrições plausíveis, sem probabilidade atribuída, de Eventuais Estados Futuros do mundo. “Storylines” (enredo ou argumento) são narrativas qualitativas, internamente consistentes de como o futuro pode evoluir, e que muitas vezes sustentam Projeções Quantitativas de mudanças futuras que, juntamente com o Argumento, constituem um cenário. São ferramentas úteis para:

- Incorporar conhecimento sobre passado, presente e futuro;
- Permitir que as partes interessadas analisem as possíveis trajectórias de desenvolvimento e respectivos impactos;
- Promover a aprendizagem social sobre o impacto das mudanças climáticas e estratégias de adaptação incorporando preferências sociais;
- Apoiar a tomada de decisões, planeamento e políticas;

As abordagens tradicionais, que representam uma visão mecanicista dos sistemas onde modelos simples, supostos representar o sistema real e que são usados para fazer previsões futuras, estão a revelar-se uma fraca base para a elaboração de políticas. Isto porque os sistemas reais são **complexos** e o futuro **incerto**.

Embora a investigação científica visa reduzir a incerteza, a tomada de decisão tem como objectivo gerir incerteza, fazendo o melhor uso possível do conhecimento disponível. Por isso, a cenarização (desenvolvimento e estudo de cenários) está a ser cada vez mais utilizada para ajudar os decisores a melhor compreender, antecipar e responder à dinâmica de futuros incertos.

Na perspectiva do utilizador, é possível distinguir entre três categorias principais de cenário:

1. **Cenários Preditivos** (O que vai acontecer?),
2. **Cenários Exploratórios** (O que pode acontecer?) e
3. **Cenários Normativos** (Como pode um específico objectivo ser alcançado?).

Este projecto irá utilizar Cenários Exploratórios do que poderá acontecer no futuro, independentemente de crenças do que é provável que venha a acontecer ou opiniões sobre o que é desejável. Este tipo de cenário não pretende prever o futuro, esforçando-se antes por descrever um "espaço de possibilidades". O futuro é considerado uma construção social sobre a qual existem opiniões diversas e legítimas.

Os Cenários Exploratórios subdividem-se em dois tipos:

1. **Cenários externos ou exógenos** que dependem de factores fora do controlo dos agentes e são normalmente utilizados enquanto informação relevante e inalterável, e
2. **Cenários estratégicos** que descreverem factores que estão sob o controlo dos agentes.

Os diferentes cenários estratégicos correspondem a diferentes "estratégias", escolhas ou políticas, que possam, eventualmente, ser implementadas no futuro. São usados para estudar como as consequências de uma decisão podem variar dependendo do cenário externo (neste caso, o desenvolvimento futuro e variação do clima).

Muitas vezes, os agentes procuram estratégias "Robustas" ou "Sem Remorso - No Regret" que podem dar relativamente bons resultados em todos os cenários externos previstos. Nestes casos, os objectivos não são absolutos, mas são definidos objectivos flexíveis. São normalmente testados e analisados diferentes políticas e respectivos impactos sobre os objectivos flexíveis.

As mudanças climáticas serão tipicamente uma forma de cenário externo, enquanto o desenvolvimento socioeconómico e cenários de adaptação, que serão desenvolvidos pelos participantes com a ajuda da equipa do projecto, serão cenários estratégicos.

Deve-se notar que o processo é bastante mais importante do que o método visto que os "principais impactos como a sensibilização, a aprendizagem política e reconsideração da validade dos pressupostos políticos resultam muitas vezes mais do processo de desenvolvimento de cenários que da publicação do produto acabado".

4.2. Cenarização: Método Proposto

Durante o decurso do projecto irão ser desenvolvidos três tipos de Cenários:

Cenários de Desenvolvimento Socioeconómico;

Cenários de Mudanças Climáticas e

Cenários de Adaptação às Mudanças Climáticas.

Este documento aborda a metodologia de elaboração de Cenários de Desenvolvimento Socioeconómico. Posterior documentação irá abordar o processo de elaboração de Cenários de Mudanças Climáticas, tarefa de base mais técnica e científica. A elaboração de Cenários de Adaptação Às Mudanças Climáticas decorrerá no último ano do projecto e será, igualmente, alvo de um documento semelhante a este.

Os representantes do Grupo de Reflexão serão convidados a expressar a sua visão de desenvolvimento socioeconómico para as ilhas. Esta visão consistirá num argumento ou narrativa, internamente consistente, de como a economia e a sociedade das ilhas insulares

poderá evoluir, a médio (até 2020) e longo prazo (até 2050). Cada cenário corresponde a variações entre diferentes visões sobre:

Nível de crescimento económico e sectores chaves (correspondentes as diferentes actividades: turismo, serviços, agricultura, pesca, indústria, etc.)

Nível de crescimento demográfico e estrutura social (distribuição da população activa por actividades, por nível de emprego, estilos e nível de vida, etc.).

A segunda etapa da cenarização consiste em quantificar estas visões. Os interessados serão convidados a chegar um acordo geral dos valores para cada cenário. Basicamente, eles terão de definir e quantificar:

1. Nível de crescimento económico => % do crescimento de PIB por diferentes actividades: turismo, serviços, agricultura, pesca, indústria, etc.
2. Nível de crescimento demográfico => % do crescimento demográfico, distribuição por género, urbano/rural, nível de rendimento e escala social;
3. Estrutura social => distribuição da população activa por actividades e por nível do desemprego, distribuição de população espacial.

Para operacionalizar estas construções socioeconómicas, será necessário um conjunto de infra-estruturas. Os Stakeholders serão convidados a reflectir sobre as necessidades dos cenários socioeconómico em termos de infra-estruturas e distribuí-los espacialmente (por exemplo o melhor local para um novo aeroporto ou porto, etc.). Entre outros, eles terão de reflectir sobre:

- Estradas, portos, aeroportos;
- Infra-estruturas de energia, água e resíduos;
- Infra-estrutura industriais e de turismo;
- Expansão urbana e habitação;

O resultado final do processo de cenarização será então um conjunto de visões de desenvolvimento socioeconómico das duas cidades em estudo para o ano 2010 e 2050, devidamente quantificados (utilizando taxas de crescimento, e taxas de distribuição económica e social) assim como as infra-estruturas necessárias para a realização das visões espacialmente definidas. Os diferentes cenários socioeconómicos serão apresentados numa forma gráfica (utilizando o formato Excel, por exemplo). Um SIG será utilizado para mapear a distribuição espacial da população urbana, o crescimento e o desenvolvimento das infra-estruturas.

Os cenários são neutros, não sendo em si nem bons nem maus. Igualmente, não se pretende chegar a nenhum consenso. O único constrangimento tem a ver com o número de cenários que é possível analisar. Demasiados cenários podem comprometer o objectivo do trabalho. Por isso, a Equipa Técnica terá que analisar os resultados do Grupo de Reflexão e extrair um número razoável de cenários para posterior análise e quantificação. Por exemplo, ligeiras variações entre visões não correspondem a cenários diferentes, mas sim, a pequenas diferenças de opiniões.

O mais importante na cenarização é extrair as forças motrizes do desenvolvimento (e respectiva intensidade medida, por exemplo, pela percentagem de crescimento do PIB). Neste sentido, ter um crescimento de 5 % ou 7% corresponde a um mesmo cenário.

O exercício de cenarização era feito com recurso as três estruturas do projecto

1. **Grupo de Reflexão**, constituído pelos diferentes agentes ou stakeholders
2. **Grupo Técnico**, constituído por especialistas e representantes dos principais decisores e
3. **Equipa Técnica do Projecto**, equipa composta pelos elementos do consórcio que apresentaram o projecto KSIDS.

A interacção entre estes três grupos far-se-á através de:

- I. **Reuniões Formais** onde serão convidados todos os elementos de cada grupo consoante as necessidades;
- II. **Reuniões Informais** onde serão contactados elementos importantes para debater um tópico específico;
- III. Pela **Internet**: email, blog, webside.

Um fórum de discussão on-line será criado para apresentar os cenários e para recolher observações gerais da população e especialistas.

A versão final dos cenários socioeconómicos será definida pelo Grupo de Reflexão dos Stakeholders numa reunião específica organizada com esta finalidade.

O processo de cenarização segue as seguintes etapas:

Etap	Descrição	Responsável
Etapa 0	Levantamento e Análise de Dados	Equipa Técnica
Etapa 1	Desenvolvimento da Visão do Stakeholders Definição das Forças Motrizes (Drivers) Análise e sintetização das visões e drivers Aprovação dos Cenários	Grupo de Reflexão Grupo de Reflexão Grupo Técnico Grupo de Reflexão
Etapa 2	Quantificação dos Cenários	Grupo Técnico
Etapa 3	Definição das Infra-estruturas de cada Cenário	Grupo de Reflexão
Etapa 4	Caracterização das Infra-estruturas de cada Cenário	Grupo Técnico
Etapa 5	Finalização dos Cenários	Equipa Técnica
Etapa 6	Apresentação e Validação dos Cenários	Grupo de Reflexão

A etapa 0, levantamento e análise de dados, será feita pela Equipa Técnica do Projecto e servirá para afinar a quantificação dos cenários (que têm que se basear em dados reais da situação actual, o ponto de partida de todos os cenários).

A etapa 1 iniciar-se-á com uma reunião formal com o Grupo de Reflexão. Esta reunião será um “brainstorming” sem agenda nem constrangimentos. Todas as visões serão documentadas e posteriormente analisadas.

Os stakeholders em São Tomé e Mindelo irão expressar o seu ponto de vista sobre o desenvolvimento socioeconómico das suas cidades para o ano 2020 (médio prazo) e 2050 (longo prazo). Terão, igualmente, que especificar os elementos que acham essencial para se concretizar a visão (forças motrizes ou drivers). Os drivers podem ser acesso a energia, água ou mais investimento privado/público, etc.

O resultado deste “brainstorming” será analisado pela Equipa Técnica em colaboração com o Grupo Técnico para se extrair um número razoável de visões e drivers para os cenários definitivos. A versão final será apresentada aos stakeholders do Grupo de Reflexão para aprovação. Poderá ser feito uma nova reunião formal ou utilizar a internet.

Cada cenário aprovado terá que ser quantificado na etapa 2 do processo. A equipa Técnica terá o apoio do Grupo Técnico nesta etapa onde serão utilizadas as competências técnicas dos membros do Grupo Técnico. A base de partida será a situação actual.

O resultado será apresentado ao Grupo de Reflexão para aprovação (Igualmente pode ser numa reunião formal ou pela internet).

Numa reunião do Grupo de Reflexão serão definidos as infra-estruturas necessárias a cada cenário (etapa 3). Na etapa 4, o Grupo Técnico irá fazer uma análise do resultado da etapa 3 e uma caracterização detalhada das infra-estruturas sugeridas, incluindo a localização geográfica e dimensão das principais infra-estruturas tais como estradas portos e aeroportos. Nesta etapa será utilizado o SIG como suporte para a espacialização.

Na etapa 5, a Equipa Técnica irá finalizar os diferentes cenários que incluirão a visão, os drivers, a quantificação e caracterização das infra-estruturas. O resultado será apresentado ao Grupo de Reflexão para aprovação na última etapa 6.

O exercício será totalmente transparente à sociedade civil das duas cidades, com a colocação online dos resultados e do processo, de modo a poderem dar a sua opinião e melhorar o processo e resultado final.